

ARTIGOS

A ESTRUTURA FÍSICA E PESSOAL DE UM PERIÓDICO ESCRITO POR/PARA MULHERES EM MEADOS DO SÉCULO XIX NO BRASIL

EVERTON VIEIRA BARBOSA *

Resumo: Utilizando como fonte o *Jornal das Senhoras*, escrito por e para mulheres, entre os anos de 1852 e 1855, no Rio de Janeiro, analisaremos sua estrutura física e pessoal, a localização onde ele era editado, quem eram as redatoras chefes e as colaboradoras, além de alguns dos assuntos impressos, buscando entender sua importância enquanto veículo de divulgação das questões femininas no período.

Palavras-chave: Editoração; Mulheres; Periódico.

THE PHYSICAL STRUCTURE AND PERSONAL OF A JOURNAL WRITTEN BY/FOR WOMEN IN THE MID NINETEENTH CENTURY IN BRAZIL

Abstract: Using as source the *Journal of Women*, written by and for women, between the years 1852 and 1855, in Rio de Janeiro, will analyze their physical and personal structure, the location where it was edited, who were the editors and contributors, plus some of printed matters, seeking to understand its importance as a vehicle for dissemination of women's issues in the period.

Key-words: Publication; Women; Periodical.

Introdução

Até a primeira metade do século XIX, os periódicos publicados no Brasil e voltados às mulheres eram escritos por homens. Dentre eles, podemos citar *O Espelho Diamantino*¹ (ED), publicado no Rio de Janeiro, entre 1827 e 1828, por Julio Floro das Palmeiras e outros redatores, *O Mentor das Brasileiras* (MB), publicado em São João del Rei, entre os anos de

* Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Bolsista pelo processo 2013/15555-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: <semusico@hotmail.com>.

¹ O Espelho Diamantino possui quatorze edições e apenas a décima primeira edição não está digitalizada. *Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 3-15, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

1829 a 1832, por José Alcibíades Carneiro, e o *Espelho das Brasileiras* (EB), publicado em Pernambuco, no ano de 1831, por Adolphe Emile de Bois Garin. Dos periódicos publicados na tipografia de Francisco de Paula Brito, no Rio de Janeiro, podemos citar *A Mulher do Simplício ou A Fluminense Exaltada* (MS), de 1832 a 1846, *A Filha Única da Mulher do Simplício*² (FUMS), em 1832, contando com a colaboração de Sr. Plancher, *A Mineira no Rio de Janeiro*, em 1833, e *A Marmota na Corte* (MC), de 1846 a 1852, alterando seu título para *Marmota Fluminense* (MF), de 1852 a 1857, e depois para *A Marmota*, de 1857 a 1861, reimpresso em 1864, com a numeração editorial reiniciada.

A partir de 1850, começam a surgir periódicos que, além de serem voltados ao público feminino, eram dirigidos por mulheres.

Inúmeras são as publicações: Em Recife surgiram em 1850 *A Esmeralda e O Jasmim*, e em 1875 *Mysotis*; no Rio de Janeiro surgiram em 1852 *O Jornal das Senhoras*, em 1862 *O Belo Sexo*, em 1874 *O Domingo e Jornal das Damas*; em Campanha, Minas Gerais, surgiu *O Sexo Feminino* em 1873; em São Paulo surgiram em 1888 *A Família* e em 1897 *A Mensageira*³.

Dos jornais citados acima utilizaremos, neste trabalho, *O Jornal das Senhoras* (JS)⁴, pois além de possuímos previamente um contato com este periódico, devido à uma dissertação que está se desenvolvendo em torno deste material, o mesmo está disponível no site da Hemeroteca Digital Brasileira, graças à digitalização feita pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Tendo o periódico definido, listaremos nossas próximas ações: inicialmente identificaremos a estrutura física e pessoal do JS, desde seu local de gestação, sua estrutura material, como fonte escrita, diagramação, até as pessoas que estiveram à frente do periódico, neste caso as redatoras chefe, e também as colaboradoras do jornal, ao mesmo tempo em que buscaremos comparar, parte de sua estrutura com outros jornais, também voltados ao público feminino, como ED, MB, *Espelho Fluminense* (EF), em 1843, e os jornais da tipografia de Francisco de Paula Brito, MS, FUMS, MC, MF e *A Marmota* (1857-1861/1864). Feito este trabalho, pontuaremos alguns dos assuntos abordados nos periódicos, analisando, por fim, estes conteúdos, objetivando sua importância enquanto veículo de divulgação das questões femininas no período.

² Possui apenas a 1ª edição (quarta-feira, 14 mar. 1832) e a 3ª edição (terça-feira, 17 abr. 1832) digitalizadas.

³ GOMES, Gisele Ambrósio. *Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846*. – 2009. 138f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2009, p. 32.

⁴ Optamos, neste trabalho, em atualizar a grafia dos trechos citados de *O Jornal das Senhoras* e das demais fontes do século XIX, mantendo apenas as pontuações, parágrafos e demais recursos tipográficos originais.

Cordis. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 3-15, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

Alguns jornais femininos do século XIX e sua estrutura física

Nesta pesquisa, focaremos nossa atenção aos endereços tipográficos e de assinaturas, a quantidade de páginas dos jornais, os valores dos periódicos ao longo do tempo, e o conteúdo discursivo impresso. Tais questões colocam à tona a estruturação física e pessoal do jornal.

Quando mencionamos a estrutura física, estamos pensando em sua dimensão material, lembrando que o mesmo possui uma subjetividade e uma intencionalidade. Além disso, observarmos que ele pertence a um contexto histórico, produzido por agentes históricos, para um determinado público⁵.

Estes agentes que produzem, colaboram, divulgam e que leem, fazem parte da estrutura pessoal do jornal. Pensada horizontal e verticalmente, ela deve ser entendida dos dois modos.

De maneira horizontal, ou hierárquica, quando observamos as funções estabelecidas, dentro e fora da produção do jornal, mas que se relacionam, mesmo com tensões que perpassam a trama social e repercutem na produção dos impressos. Por dentro desta produção, temos a redatora chefe e as colaboradoras, sejam elas escritoras ou assinantes, que enviavam textos para agregarem ao corpo do jornal; o dono da tipografia, onde são feitas as impressões e o responsável pela venda da matéria prima, como o papel, a tinta para impressão, e demais materiais necessários no processo tipográfico. Por fora desta produção, mas não menos importantes, as assinantes, que não enviavam textos; as leitoras e leitores avulsos; os ouvintes do jornal, que poderiam ser as escravas ou demais pessoas que não sabiam ler, mas que escutavam a leitura do jornal, feita em voz alta; e demais pessoas que, de algum modo, estivessem vinculadas nesta estrutura, que não é estável ou permanente, mas em constante disputa.

O modo vertical, perpassa todos os agentes envolvidos no jornal, desde suas redatoras, colaboradoras(es), vendedores, leitoras(es) e ouvintes. Estas relações, estáveis ou conflituosas, quando pensadas e analisadas, permitem perceber, que o jornal é a criação de um discurso, num determinado tempo e espaço, e que conjugam uma gama de interesses de seus envolvidos.

Sobre os interesses do JS, desde sua 1ª edição, a primeira redatora chefe, Joanna Paula Manso de Noronha, propôs “propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças

⁵ As ideias mencionadas podem ser encontradas no artigo de CRUZ, Heloisa F; PEIXOTO, Maria R. *Na oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 253-270, dez. 2007. *Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 3-15, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher⁶”. Comparando o JS com “O Mentor das Brasileiras, tal como o seu antecessor carioca,” ED, ele “se propunha a “promover a instrução e entretenimento do belo sexo⁷””.

Enquanto o JS, o MB e o ED estavam dedicados à instrução feminina e, conseqüentemente, ao melhoramento social, o jornal a MC, em sua primeira edição⁸, buscava contemplar os gostos de homens e mulheres. No caso dos homens, o periódico solicitava que, “Rapazes, patuscos⁹, estudantes, caixeiros”, enviassem para o jornal “notícias interessantes” ou temas que seriam escritos pelo redator. Para as mulheres, o jornal publicaria “além de poesias e outros recreios, algumas lições”, neste caso, lições de amor. Além disso, o jornal propôs publicar “charadas, logogrifos¹⁰, receitas curiosas”, e de modo geral, “anúncios de comércio e fazendas¹¹ novas da moda”. Desta forma o jornal buscava atingir “a gente de todas as classes”.

Se pararmos para pensar a relação *de mulher pra mulher* nestes jornais, podemos, em um primeiro momento, compará-los com o slogan utilizado pela empresa Marisa¹², já que, tanto a empresa como os jornais buscam atender às necessidades femininas, cada um em seu tempo.

Além desta comparação, também poderíamos relacionar os periódicos em questão, com a canção *De mulher para mulher*¹³, gravada no ano de 1995, pela cantora portuguesa Ágata¹⁴, com a participação especial de sua filha, também cantora, Romana¹⁵. A letra da música apresenta a desilusão amorosa vivida por mulheres que, ao passarem pela mesma situação, buscam unir-se para compartilhar o mesmo sentimento, já que elas se entendem *de igual para igual*. A experiência da partilha, da conversa, da troca, também perpassa as mulheres do século XIX, seja através dos romances, poesias ou cartas de amor, expostas no

⁶ O JORNAL DAS SENHORAS, quinta, 01 jan. 1852, p.1.

⁷ JINZENZI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 14.

⁸ 1ª edição publicada na sexta-feira, 07 de setembro de 1849.

⁹ “adj. e s.m. Amigo de patuscadas; pândego, brincalhão. Cômico, ridículo; extravagante”. Definição extraída do Dicionário online de português. Disponível em www.dicio.com.br/logogrifo/. Acesso em 05 dez. 2014.

¹⁰ “s.m. Espécie de enigma no qual se compõem, com as letras de uma palavra, outras palavras que se devem adivinhar, bem como a palavra principal. (Assim, com a palavra amor se podem formar ramo, mora, Omar, Roma.)”. Definição extraída do Dicionário online de português. Disponível em WWW.dicio.com.br/logogrifo/. Acesso em 05 dez. 2014.

¹¹ “s.f. Pano (tecido de linho, algodão, lã etc)”. Definição extraída do Dicionário online de português. Disponível em www.dicio.com.br/logogrifo/. Acesso em 05 dez. 2014.

¹² Marisa refere-se a uma rede de lojas de varejo, fundada em 1948, em São Paulo, pelo empresário Bernardo Goldfard, especializada em moda feminina e moda íntima, cujo slogan é *De mulher pra mulher, Marisa*.

¹³ *De mulher para mulher* é o título da faixa 11 do CD *Escrito no Céu*, gravado no ano de 1995, pela gravadora Especial em Lisboa, Portugal.

¹⁴ Ágata é o nome artístico da cantora portuguesa Maria Fernanda Pereira de Sousa.

¹⁵ Romana é o nome artístico da cantora portuguesa Carla Alexandra Pereira de Sousa.

JS, e nos demais periódicos, destinados ao mesmo público e lidos por suas assinantes, ou seja, as mulheres que podiam comprá-los.

Sendo o JS e outros periódicos particulares, havia a necessidade de um número razoável de assinaturas para custear sua produção. Para alcançar este número, os redatores e as redatoras chefe, em várias edições, publicavam no jornal as normas, o local de sua assinatura e onde ele poderia ser retirado.

Sobre os locais onde poderiam ser feitas as assinaturas do JS, na 1ª edição, a redatora divulga que “subscreve-se para este Jornal nas casas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor; e na Tipografia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20¹⁶”, custando 3\$000 réis, por três meses para a corte, e 4\$000 réis, pelo mesmo período, para as províncias. Porém, ao longo de alguns meses, o JS mudou de endereços tipográficos. Cronologicamente, a partir da 10ª edição¹⁷, o jornal passa para a tipografia de Santos e Silva Junior, na Rua da Carioca n.º 32, mantendo o valor de sua assinatura.

A mudança na direção do jornal, de Joanna, para Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, na 27ª edição¹⁸, também acarreta na alteração das assinaturas, para 6\$000 réis, por seis meses para a corte, e 7\$000 réis, pelo mesmo período, para as províncias. Estes valores serão mantidos até a última edição do jornal, em dezembro de 1855.

Aqui, percebemos a mudança no tempo de assinatura do jornal, de três para seis meses, o que acarretaria na estabilidade financeira do periódico por um prazo maior, para possíveis melhorias e ampliações, além da diminuição do custo de assinatura para as províncias. Esta atitude, talvez uma estratégia tipográfica, visava angariar, nas províncias, novas colaboradoras.

Assim, o valor semestral fixo, de julho de 1852 a dezembro 1855, também não influenciou, ao menos economicamente, na permanência do endereço tipográfico, e do *layout* do título e do subtítulo.

Para exemplificar, o jornal, desde a entrada da segunda redatora, passou por quatro endereços tipográficos diferentes. Da Rua da Carioca, n.º 32, desde março de 1852, foi para a Rua do Ouvidor, n.º 36, depois ficou, por pouco tempo, na Rua da Alfândega, n.º 54, e, por fim, se estabeleceu na Rua do Cano, n.º 165¹⁹.

¹⁶ Op. cit. Quinta-feira, 01 jan. 1852, p. 8.

¹⁷ 10ª edição publicada domingo, 07 mar. 1852.

¹⁸ 27ª edição publicado domingo, 04 jul. 1852.

¹⁹ A partir do valor fixado semestralmente, 04 jul. 1852, o jornal permanece na Rua da Carioca, n.º 32, sete meses, na Rua do Ouvidor, n.º 36, quatro meses, na Rua da Alfândega, n.º 54, pouco mais de um mês, e na Rua do Cano, n.º 165, dois anos e quatro meses.

Sobre as alterações no *layout*, o JS faz uma pequena alteração, na 52ª edição²⁰, em seu subtítulo, suprimindo a palavra *Críticas*, localizada no final do trecho *Modas, Literatura, Belas-Artes e Teatros*²¹, porém na 62ª edição²², a palavra *Crítica* retorna ao subtítulo do jornal, sendo extraído, desta vez, o artigo *O* do título do JS²³.

Pelo visto, o JS, não havia definido ao certo sobre o uso da palavra *Crítica* no subtítulo, já que ela é retirada novamente, e definitivamente a partir da 92ª edição²⁴, enquanto na 105ª edição²⁵, é acrescentado o subtítulo *Jornal da Boa companhia*, permanecendo até a sua última edição.

Tais mudanças, seja no endereço tipográfico, ou *layout* do jornal, não alteraram o valor das assinaturas, conforme divulgada na 42ª edição²⁶, pela redatora Violante, que informa sobre o acréscimo de quatro páginas, totalizando doze. Porém, ao longo das edições, estes acréscimos não foram efetivados, mantendo sua estrutura com duas colunas e a média de oito páginas. Os acréscimos se davam em algumas edições, ou quando acompanhava partituras musicais, ou peças de modas ou moldes de roupas.

No caso do ED (1827-1828), a tipografia de *P. Plancher-Seignot*, que imprime o jornal, permanece no mesmo endereço durante seu tempo de publicação, na Rua do Ouvidor, nº 95, e manteve o preço de subscrição, em 1\$600 réis por três meses, 3\$200 réis por seis meses, e 6\$000 réis por um ano. Sua estrutura material, com apenas uma coluna, imprimiu uma média de 20 páginas por edição.

Já o MB (1829-1832), permaneceu na Tipografia do *Astro de Minas*²⁷, nome de outro jornal mineiro, mantendo uma coluna em sua estrutura. Assim como o JS, este periódico imprimiu a média de oito páginas por edição, e teve sua subscrição feita em outros endereços, como:

[...] no Rio de Janeiro em casa do Sr. Evaristo Ferreira da Veiga e C., em Ouro Preto na Tipografia do Universal, na Campanha em casa do Sr. Ignacio Gomes Midões, em Sabará em casa do Sr. Bento Rodrigues de Moura e Castro²⁸.

A subscrição em diferentes cidades e províncias, permite compreendermos a

²⁰ 52ª edição publicada domingo, 26 dez. 1852.

²¹ O subtítulo anterior era: *Modas, Literatura, Belas-Artes, Teatros e Críticas*.

²² 06 de março de 1853.

²³ O título anterior era: *O Jornal das Senhoras*

²⁴ 92ª edição publicada domingo, 02 out. 1853

²⁵ 105ª edição publicada domingo, 01 jan. 1855.

²⁶ 42ª edição publicada domingo, 17 out. 1852.

²⁷ O jornal *Astro de Minas* (1827-1839), é considerado o primeiro periódico impresso na cidade de São João del Rei, contando com 1769 edições. Grande parte dele está digitalizado no site da Hemeroteca, disponível em <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/astro-minas/709638>>. Acesso em 06 dez. 2014.

²⁸ O MENTOR DAS BRASILEIRAS, n. 1, p. 8, 29 nov. 1829.

“intenção de que o periódico fosse difundido para além das fronteiras da vila e da província²⁹”, assim como o JS.

O periódico MS (1832-1846), do redator Francisco de Paula Brito, manteve o valor de 80 réis por periódico, porém passou por constantes mudanças, tendo de duas a três colunas, e a média de dezoito páginas por edição³⁰, além de alguns endereços tipográficos, e de algumas lojas que o vendiam, alterados. Na 3ª edição³¹, o jornal divulgou ser vendido “nas lojas dos Srs. Tribuno, Rua da Quitanda, nº 63, Baptista, Rua da Cadeia, *n. 82*³², e Brito, Praça da Constituição, nº 51”, impresso pela “Tipografia de Tomas B. Hunt & C. Rua do Sabão, junto ao nº 142”.

A partir da 54ª edição³³, foi impresso na “Tipografia Imparcial de Brito, Praça da Constituição n. 66”, e vendido nas lojas de “Laemmert, rua da Quitanda, n. 77” e “Albino, Praça da Constituição, nº 62”. E na 63ª edição³⁴, o endereço tipográfico mudou apenas de número, do n.º 66, para o n.º 64, permanecendo na mesma rua, até a 83ª edição³⁵.

Quando Francisco de Paula Brito inicia a publicação do jornal MC (1849-1852), em sua primeira edição, segue a informação do endereço, onde “publica-se as terças e sextas-feiras, na Tip. de Paula Brito, Rua dos Ourives n. 21³⁶”, custando 2\$000 réis por 25 números ou 80 réis avulsos. Só a partir da 70ª edição³⁷, o jornal passa a ser publicado na Praça da Constituição, nº 64, mesmo endereço de publicação de MS, entre as edições 53 e 83, durante os anos de 1839 a 1844, mantendo o valor da primeira edição da MC, a média de quatro páginas, com poucas exceções, e de duas colunas por folha.

Durante a publicação da MF (1852-1857), constatamos poucas alterações em seus valores, e, assim como o JS (1852-1855), estas mudanças não estão, diretamente, relacionadas às mudanças tipográficas como colunas ou páginas.

A partir da 258ª edição³⁸, o jornal passa a se chamar MF, estabelecendo o valor de

²⁹ JINZENZI. 2010, p. 89.

³⁰ A média de dezoito páginas por edição foi feita a partir das vinte e uma edições que estão digitalizadas e que tivemos acesso. São elas: 3ª edição (8 páginas), 4ª ed. (12 p.), 8ª ed. (8 p.), 45ª ed. (12 p.), 48ª ed. (22 p.), 54ª ed. (8 p.), 55ª ed. (12 p.), 60ª ed. (16 p.), 63ª ed. (16 p.), 64ª ed. (32 p.) 65ª ed. (16 p.), 66ª ed. (16 páginas) 67ª ed. (16 p.), 70ª ed. (12 p.), 71ª ed. (16 p.), 72ª ed. (17 p.), 73ª ed. (32 p.), 76ª ed. (20 p.), 77ª ed. (30 p.) 78ª ed. (28 p.) e 83ª ed. (24 p.), totalizando 373 páginas, e a média de 17,76 páginas. Assim, optamos em aproximar e arredondar a numeração para dezoito páginas.

³¹ 3ª edição publicada sábado, 10 mar. 1832.

³² Grifo nosso, para divulgar o número da rua onde o jornal era vendido, informação que aparece na 54ª edição, do mesmo jornal.

³³ 54ª edição publicada terça-feira, 28 mar. 1837.

³⁴ 63ª edição publicada segunda-feira, 23 dez. 1839.

³⁵ 83ª edição publicada quinta-feira, 30 abr. 1844, e última que temos acesso por meio digital.

³⁶ 1ª edição publicada sexta-feira, 07 set. 1849.

³⁷ 70ª edição publicada terça-feira, 28 mai. 1850.

³⁸ 258ª edição publicada terça-feira, 04 mai. 1852.

4\$000 réis por seis meses e 80 réis por periódico. A primeira alteração no valor foi anunciada no final de 1852³⁹ e iniciada em 1853⁴⁰, passando de 4\$000, para 5\$000 réis por semestre, enquanto o jornal avulso só foi alterado na 600ª edição⁴¹, passando para 120 réis. Buscando atender as províncias, MF anunciou na 663ª edição⁴², o valor de 6\$000 por seis meses para estas regiões.

Sobre as principais mudanças tipográficas, destacamos o anúncio do redator, na 348ª edição⁴³, agradecendo o aumento no número de assinantes e a necessidade em aumentar o formato, neste caso passando de duas para três colunas, além de outros melhoramentos, neste caso sem aumentar o valor das assinaturas.

Neste sentido, o que permitia as possíveis alterações tipográficas e de endereços dos jornais, em meados do século XIX, como MF e JS, provavelmente estava relacionado ao aumento no número de assinantes, tanto na corte como nas províncias, já que, no caso do JS, não eram divulgados, em suas edições, os valores avulsos. Isso não significava a impossibilidade de aquisição de números específicos, porém certamente limitava seu acesso.

Assim, dos periódicos pesquisados, os que receberam alterações nos endereços tipográficos, *layout* e estrutura, não tinham, aparentemente, relação com o aumento nos valores, sendo que estas mudanças aconteceram em outros momentos. Além disso, alguns jornais, como o JS e o MF, divulgaram em algumas edições, já mencionadas, as mudanças em sua estrutura física e pessoal, sem aumentar o custo de suas assinaturas. Tivemos apenas uma exceção no JS, que a partir da transição da primeira para a segunda redatora, altera o período e o valor da assinatura, porém na transição da segunda para a terceira redatora, em 1853, o valor e tempo permanecem os mesmos.

Agora que fizemos uma explanação geral a respeito da estrutura física de alguns periódicos, ao longo do século XIX, abordaremos a estrutura pessoal, assim como parte de seu conteúdo discursivo impresso.

Alguns jornais femininos, sua estrutura pessoal e seu conteúdo discursivo impresso

Sobre a direção do JS, a primeira redatora chefe, fundadora do jornal foi a argentina Joanna Paula Manso de Noronha, que permaneceu neste cargo de janeiro a junho de 1852, até

³⁹ 327ª edição publicada sexta-feira, 31 dez. 1852.

⁴⁰ 328ª edição publicada terça-feira, 04 jan. 1853.

⁴¹ 600ª edição publicada domingo, 15 jul. 1852.

⁴² 663ª edição publicada domingo, 30 jan. 1855.

⁴³ 348ª edição publicada terça-feira, 15 mar. 1853.

a 26ª edição⁴⁴. O curto período de direção do jornal deve-se a alguns fatores, sendo eles o fim de seu casamento com o músico Francisco Sá de Noronha⁴⁵, não ser aceita no curso de medicina⁴⁶ e o término da ditadura de Juan Manuel de Rosas na Argentina⁴⁷.

Com a volta de Joanna para a Argentina, assume a redação a senhora Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco⁴⁸, que permanece por onze meses na direção no periódico, entre a 27ª⁴⁹ e 74ª edição⁵⁰.

Nascida em 1º de dezembro de 1816 ou 1817, filha de Violante Lima de Bivar e do conselheiro imperial Diogo Soares da Silva de Bivar, recebeu uma educação bastante refinada e aprendeu francês, italiano e inglês. Foi membro do grêmio do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, cujo ingresso foi assegurado pela tradução da peça *O xale de casemira verde* de Alexandre Dumas e Eugênio Sue. Casou-se com o oficial João Antônio Boaventura Velasco. Faleceu em 25 de maio de 1875 tendo dedicado sua vida às letras⁵¹.

Estar à frente da direção de um jornal, exigia dedicação exclusiva, além de habilidades com leitura e escrita ao editar, formatar e padronizar os textos publicados, desta forma Violante, que já trabalhava na tradução de outros textos e recebera uma ótima educação para a época, deu continuidade ao trabalho iniciado por Joanna, também aplicando melhorias no jornal durante sua direção.

Dentre as melhorias divulgadas por Violante, destacamos o aumento de páginas, sem alteração no valor do jornal, porém, como já mencionamos, a redatora não alcançou este objetivo, pois manteve em quase todas as suas edições posteriores uma publicação fixa de oito páginas somadas às peças de modas ou de partituras que se alternavam ao longo dos meses, mas que raramente passavam de uma página por edição.

Neste sentido, entendemos que a saída de Violante, se deu “por motivos pessoais e financeiros⁵²”. O motivo pessoal pode ser relacionado com a diminuição da credibilidade de

⁴⁴ 26ª edição publicada domingo, 27 jun. 1852.

⁴⁵ Francisco Sá de Noronha foi um músico português, que teve algumas de suas composições impressas no *Jornal das Senhoras*.

⁴⁶ As mulheres eram proibidas de cursarem medicina no Brasil até o ano de 1879.

⁴⁷ LOBO, Luiza. Juana Manso: Uma Exilada em três pátrias. *Gênero*. Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-74, 1º sem. 2009, p. 48. Juan Manuel de Rosas governou a Argentina entre os anos de 1829 a 1852.

⁴⁸ Uma pequena biografia sobre Joanna e Violante, pode ser lida na obra SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. pp. 293 e pp. 521, respectivamente.

⁴⁹ Edição publicada domingo, 04 jul. 1854, porém Violante assumiu a direção do jornal no dia 01 de julho de 1854.

⁵⁰ 74ª edição publicada domingo, 29 mai. 1853.

⁵¹ SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: Relações de gênero e História em José de Alencar*. Bauru, SP: Edusc, 2012. (Coleção História). 2012, p. 141.

⁵² LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das senhoras, um projeto pedagógico: mulheres, maternidade, educação e corpo (Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX)*. Tese (doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 12.

algumas assinantes, afinal, as melhorias divulgadas por ela não foram alcançadas nas sucessivas edições, e quanto ao motivo financeiro, pode ser compreendido pela morte de seu marido, João Antônio Boaventura⁵³, que a ajudava financeiramente.

Com a saída de Violante, na 76ª edição⁵⁴, a sessão *Minha Apresentação* caracteriza a terceira redatora do JS, Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves. Nesta apresentação a nova redatora destaca sua insegurança quanto ao cargo que assume solicitando a colaboração das assinantes para manter a aceitação do jornal.

Das poucas informações a respeito da terceira redatora, o JS anunciou na sessão *Correio das Senhoras*, 75ª edição⁵⁵, que “Casou-se Domingo 22 do corrente o Sr. Antonio José dos Santos Neves com a Sra. D. Gervasia Nunezia Pires, filha do já falecido Sr. Feliciano Nunes Pires⁵⁶”. O casamento de Gervasia, pode ser considerado como um dos fatores contribuintes para torná-la redatora chefe do jornal, já que o matrimônio, ao mesmo tempo em que elevava a moça à categoria de mulher, conforme se entendia neste período, também possibilitava a consolidação da contribuição financeira dada pelo marido, funcionário da corte, letrado e envolvido com a imprensa, além de possível apoiador da causa feminina, diferente de muitos homens na mesma época.

A falta de apoio do jornal pode ser vista na carta enviada à redatora Joanna, em janeiro de 1852, e divulgada pela mesma, na 6ª edição, quando ela escreve na sessão *Resposta*, que “Atacavam-se nessa carta ideias que ainda não tinham sido expostas por mim, chamavam-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinham visto a luz publica⁵⁷”.

Ainda que alguns homens tivessem se manifestado contrários aos ideais estipulados no jornal, o mesmo permaneceu publicado dominicalmente até sua última publicação, 209ª edição, datada em 30 de dezembro de 1855. Nesta edição a redatora Gervasia informou às leitoras, de uma pausa no ano de 1856, para reestruturar o periódico, e que o mesmo voltaria a ser publicado, no ano de 1857, porém o jornal não foi retomado.

Diferente do JS, os demais jornais pesquisados eram dirigidos por homens, e tendo suas sessões distribuídas por colaboradores, que poderiam ser fixos ou aleatórios, seus artigos, assim como o JS, contava com poesias, romances, educação da mulher, alguns com temas sobre política, e no caso do JS e MF, de peças de partituras ou figurinos.

⁵³ Foi oficial da marinha. Ver SCHUMA; BRAZIL 2000, p. 521.

⁵⁴ 76ª edição publicada domingo, 12 jun. 1853.

⁵⁵ 75ª edição publicada domingo, 05 jun. 1853.

⁵⁶ Op. cit. 29 mai. 1852, p. 11. Antonio viveu de 1827 a 1874. Ele foi funcionário público do Rio de Janeiro e colaborador do *Jornal Imprensa Evangélica*, já que era membro da Igreja Presbiteriana. Além disso, ele foi poeta e autor de hinos evangélicos.

⁵⁷ Op. cit. 08 de fev. de 1852, p. 1.

No caso do JS, havia algumas mulheres que escreviam artigos em sessões permanentes, como o artigo de *Modas e Descrição da estampa*, escrito por Christina, porém em algumas sessões, era escrito pela colaboradora Ritinha.

Muitos artigos eram escritos por outras colaboradoras, que geralmente permaneciam no anonimato ou utilizavam pseudônimos, para preservar suas verdadeiras identidades e não sofrerem ameaças das pessoas que não aceitavam a participação de mulheres em jornais.

Sobre o conteúdo destes artigos, no JS, podemos destacar em um âmbito geral a busca da visibilidade da mulher em sociedade, através da emancipação moral feminina⁵⁸, que podia ser entendida em diversos aspectos. Um deles, era na busca pela educação feminina, já que neste período, a educação era restrita ao sexo feminino no espaço público, enquanto no espaço privado apenas as famílias com boa renda econômica tinham condições de contratar uma orientadora para o ensino das meninas, que perpassava o bordado e a costura, os idiomas e a música⁵⁹.

Quanto ao ensino do bordado e costura, o JS, assim como MC, MF e *A Marmota*, mantiveram em suas edições a sessão voltada às modas, ditando às suas leituras a moda que deveria ser seguida. Sobre os idiomas, constantemente havia traduções de romances francês e inglês, por colaboradoras(es) dos jornais, servindo de prática, além de expor termos, trechos ou mesmo letra de músicas no idioma francês e também italiano, neste caso, impressos no JS.

Estas músicas, publicadas, no JS, com partituras⁶⁰, em edições esporádicas, contribuíram no ensino musical feminino e variavam entre *modinha*, *lundu*, *schotsch*, *valsa*, *canzoneta italiana* ou *romances*⁶¹.

Não tivemos acesso digitalizado às partituras publicadas no MF, porém em diversas edições, se publicavam algumas músicas que acompanhavam o periódico, como valsa e quadrilhas.

A música erudita não era publicada em partitura, já que ela era entendida como profissional, cabendo ao papel masculino sua execução, mas nas sessões *Crônicas de Quinzena*, *Crônica dos Salões* ou *Teatros*, tanto no JS, como no MC, MF e *A Marmota*, eram divulgados os locais onde aconteceriam, naquela semana, os concertos musicais e também as

⁵⁸ Ver NASCIMENTO; OLIVEIRA, NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. *O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher*. Cadernos Pagu (29), julho-dezembro de 2007, p. 435.

⁵⁹ VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007, p. 191.

⁶⁰ A respeito da impressão musical ver LEME, Mônica. *E "saíram à lua" as novas coleções de polcas, modinhas, lundus, etc.- Música popular e impressão musical no Rio de Janeiro (1820-1920)*. Tese (doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

⁶¹ Sobre os aspectos da música no século XIX ver MONTEIRO, Maurício. *Aspectos da Música no Brasil na primeira metade do século XIX*. IN: MORAES, José Geraldo Vinci de, SALIBA, Elias Thomé (Orgs). *História e música no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2010.

peças teatrais.

Estes espaços de sociabilidade, como por exemplo, os teatros de Santa- Thereza, São Francisco e São Januário⁶², eram locais vivenciados pelas redatoras(es) e, possivelmente, por suas(seus) leitoras(es) moldando os gostos e costumes femininos.

Desta forma, a estrutura pessoal dos jornais pesquisados era parecida, a redação era mantida por uma pessoa, mesmo que houvessem eventuais mudanças, como aconteceu no JS. Colaboradoras(es), que poderiam escrever artigos em seções fixas, ou aleatórias, além destes divulgarem, ou não, seus verdadeiros nomes, ou adotarem o uso de pseudônimos. Organizados com os recursos financeiros e tecnológicos existentes no período, mantiveram em suas sessões, um modelo de instrução, normas e gostos, e trouxeram ao âmbito público novos dizeres, até então silenciados, possibilitando uma maior visibilidade em torno da mulher e de seu papel em sociedade.

Referências

Bibliografia

ÁGATA, *Escrito no Céu*. Intérpretes: Ágata e Romana. Lisboa, Portugal: Espacial, c1995. 1 CD. (01:07:19) Faixa 11 (De mulher para mulher – 5 min).

CRUZ, Heloisa F; PEIXOTO, Maria R. *Na oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 253-270, dez. 2007.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em 10 dez. 2014.

GOMES, Gisele Ambrósio. *Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846*. – 2009. 138f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2009.

JINZENZI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LEME, Mônica. *E “saíram à lua” as novas coleções de polcas, modinhas, lundus, etc.- Música popular e impressão musical no Rio de Janeiro (1820-1920)*. Tese (doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das senhoras, um projeto pedagógico: mulheres, maternidade, educação e corpo (Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX)*. Tese (doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo,

⁶² Op. cit. Domingo, 08 fev. 1852, p. 5.

2012.

LOBO, Luiza. *Juana Manso: Uma Exilada em três pátrias*. Gênero. Niterói, v. 9, n° 2, p. 47-74, 1° sem. 2009.

MONTEIRO, Maurício. *Aspectos da Música no Brasil na primeira metade do século XIX*. IN: MORAES, José Geraldo Vinci de, SALIBA, Elias Thomé (Orgs). *História e música no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2010.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. *O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher*. Cadernos Pagu (29), julho-dezembro de 2007: 429-457.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: Relações de gênero e História em José de Alencar*. Bauru, SP: Edusc, 2012. (Coleção História).

VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

Fontes

A Marmota. 1859-1864. Disponível em <<http://goo.gl/Kag4b8>>. Acesso em 28 de nov. 2014.

A Marmota na Corte. 1849-1853. Disponível em <<http://goo.gl/UONwZX>>. Acesso em 24 de nov. 2014.

A Mulher do Simplício ou A Fluminense Exaltada. 1832-1846. Disponível em <<http://goo.gl/MfkQ0b>>. Acesso em 29 de nov. 2014.

Astro de Minas. 1827-1839. Disponível em <<http://goo.gl/zdph7b>>. Acesso em 06 dez. 2014.

Marmota Fluminense. 1854-1858. Disponível em <<http://goo.gl/BGtR6q>>. Acesso em 27 de nov. 2014.

O Espelho Diamantino. 1827-1828. Disponível em <<http://goo.gl/ndtGNH>>. Acesso em 04 de dez. 2014.

O Jornal das Senhoras. 1852-1855. Disponível em <<http://goo.gl/Q6JYbe>>. Acesso em 25 de nov. 2014.

O Mentor das Brasileiras. 1829-1832. Disponível em <<http://goo.gl/jA6DvX>>. Acesso em 26 de nov. 2014.

Recebido em 19 de julho de 2014; aprovado em 26 de fevereiro de 2015.